

A história contada por meio dos monumentos

Roberto Duailibi



Todo ato de preservação de nossa história é importante. Sob esse aspecto, os monumentos assumem um papel de fundamental importância. Sua mensagem precisa estar presente em todos os lugares. Recentemente, escrevi um artigo que teve grande repercussão no jornal *O Estado de S. Paulo*. Nele, eu relatava que todas as vezes que acontece alguma manifestação de protesto em São Paulo, temo primeiro pela segurança das pessoas, mas temo também pelas nossas obras públicas, pois há, de maneira geral, uma falta de respeito generalizada em relação às estátuas, esculturas e aos monumentos da cidade.

Eu me referi mais especificamente ao Monumento às Bandeiras, uma obra importante, singular e histórica de Victor Brecheret, que sobrevive – vejam bem o verbo empregado –, pois está sempre sem nenhuma forma de vigilância. Por conta disso, pessoas ora escalam a estátua, ora picham, ora fazem alpinismo, rapel, o que querem, sem que ninguém tome nenhuma providência. Um dia, fatalmente penso eu, um maluco a escalará com uma marreta na mão. Aí será tarde demais.

O Monumento às Bandeiras, até por sua expressão e representatividade, é o primeiro que me vem à mente quando se fala em desrespeito público. Mas vejam o caso do Monumento da Independência, no Ipiranga, ou o Monumento ao Duque de Caxias na Praça Princesa Isabel, todos em São Paulo. Essa importante obra, por coincidência, também de Vitor Brecheret, não



tem nenhum programa de proteção ou conservação. A tal ponto que o próprio patrono do Exército, se fosse possível, em ato de realismo fantástico, poderia apejar do cavalo e ele mesmo comandar a limpeza e restauração do monumento. O ideal, na verdade, seria desmontá-lo todo e remontá-lo na frente da sede do Comando Militar do Sudeste, onde poderia ser apreciado em toda sua grandiosidade. Em países minimamente civilizados, dá gosto ver as praças públicas e suas estátuas, logradouros que denotam o esmero dos governantes com a arte que é de todos.

Assim como essas obras de grande relevância histórica e artística, outras pelo nosso Brasil se ressentem do mesmo problema. As fortificações militares, muitas hoje representando expressões museológicas e pedaços de nossa história, sobrevivem graças a entidades como a nossa, graças à ação de uns poucos, quando deveriam fazer parte de uma estratégia comum e gigantesca, como acontece em países que dão a seus patrimônios históricos o devido valor e tratam o tema com a devida seriedade.

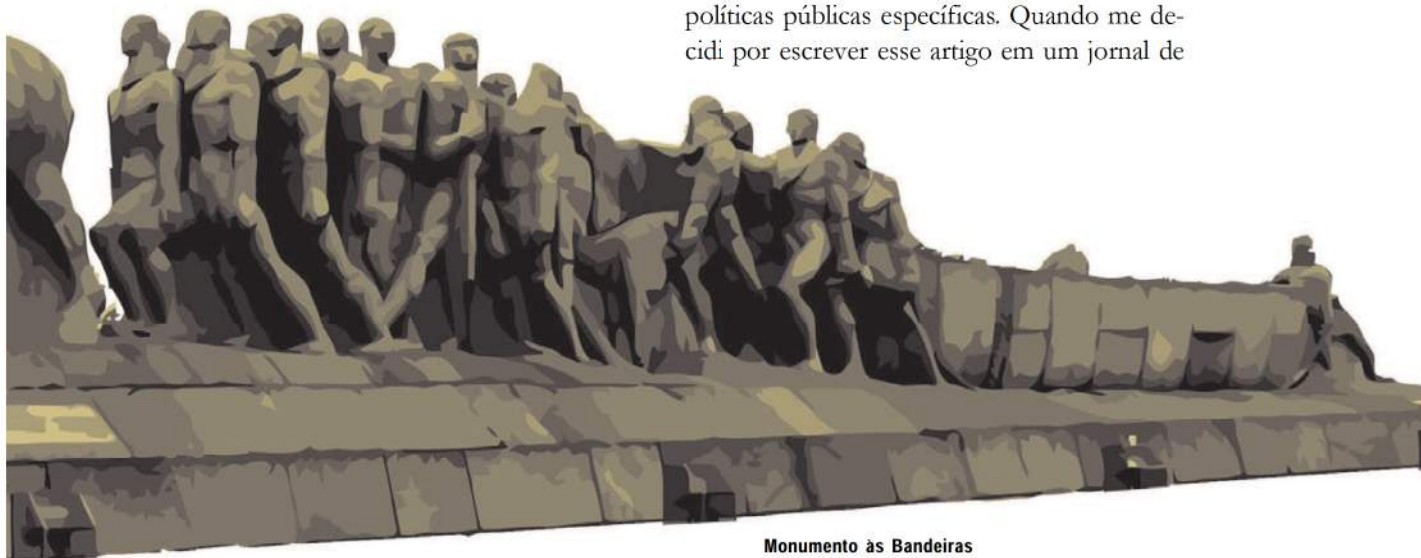
Quando se viaja ao exterior, a países que preservam suas histórias e origens, esses mo-



Monumento a Duque de Caxias - Praça Princesa Isabel - São Paulo - SP

numentos estão sempre cercados de cuidados, sejam eles de caráter preservacionista e de valorização histórica, seja de sentido artístico e patrimonial. Não importa a intenção, importa na verdade é o fato de que eles estão lá para serem apreciados, observados, estudados. Mais que tudo, estão lá para contar parte de uma história que ajuda seus observadores a terem a noção que pertencem a uma nação.

Reclamo muito, portanto, da falta de políticas públicas específicas. Quando me decidi por escrever esse artigo em um jornal de



Monumento às Bandeiras

Praça Armando Salles de Oliveira - São Paulo - SP



Pichações no Monumento às Bandeiras

grande relevância, queria justamente chamar a atenção de nossas autoridades. Até porque, invariavelmente, os atos de vandalismo se tornaram despesa de restauração aos cofres públicos, e quem paga a conta naturalmente somos todos nós. Uma simples pesquisa nos sites de busca, relacionando o Monumento às Bandeiras a pichações, manifestações ou vandalismo, por exemplo, irá revelar, de pronto, um rol de notícias que envergonham a todos.

Sempre propugnei pela preservação, pela existência vigorosa de políticas de restauração de monumentos e edificações, como os nossos fortes. O assunto é tão sério para mim que deveria ser aula obrigatória dos bancos escolares. Quem não preserva a própria história não pode ser considerado um cidadão completo.

Entendo que, no Brasil, de uns tempos para cá, falar em cidadania tornou-se algo fora de moda. Os críticos dizem que isso é coisa do passado, misturando um pouco dos valores pátrios com a escolha pura e simples de linhas políticas. Ser cidadão é gostar de seu país e de suas coisas, é preservar sua história, é preservar praças públicas e seus monumentos, ainda que politicamente representem algo distante de suas convicções.

Tanto porque, muitos desses monumentos são expressões de arte de altíssima qualidade, de reconhecimento mundial.

Sobre os vândalos de todas as origens, queria entender o que leva uma pessoa a realizar um ato desses. Certamente a maioria não tem sequer a informação histórica sobre a obra e não tem a consciência de que um bem público pertence a todos – e alguns até a toda a humanidade. Muitas vezes fazem isso para se mostrar aos amigos, apenas para sentir aumentar a adrenalina para exercitar o ressentido quebra-quebra. Outras vezes agem tão-somente sob a ótica de que o que é público não pertence a ninguém. Pior de tudo é saber que todas essas coisas poderiam ser evitadas se nossas praças públicas tivessem um mínimo de policiamento e zelo.

Mais recentemente o Monumento às Bandeiras foi pichado durante uma manifestação contra a alta das tarifas de ônibus. Já houve inclusive pichações para questionar o próprio significado da obra, o fato histórico das expedições – quando a picharam com a expressão “Bandeirantes assassinos”.

Apenas com solventes, a Secretaria da Cultura deve gastar uma fortuna todas as vezes em que precisa corrigir essas barbaridades, fora o trabalho de equipes terceirizadas contratadas para o serviço de limpeza.

Até quando vamos assistir a essa barbárie, a esse desrespeito?